

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasil

Class.: 02

Data: 11/02/72

Pg.: _____

O sertanista João Peret, que afirma conhecer desde 1963 a existência da aldeia indígena em forma de estrêla, em Mato Grosso, condenou ontem o propósito da Funai de enviar uma grande expedição para iniciar contatos com aqueles índios, "pois eles vivem no seu próprio paraíso, sabem se defender e não precisam dos civilizados."

— Aliás, essa aldeia se assemelha mais ao aro de uma bicicleta do que propriamente a uma estrêla e está localizada na margem direita do rio Primavera — comentou, acrescentando que quando a viu pela primeira vez, junto com um delegado da Funai, fez um pacto de sigilo para evitar "a invasão dos brancos."

ARO, NÃO ESTRÊLA

— Foi em 1963, na época de conflitos com os cintas-largas, fomos eu e o delegado Hélio Jorge Buckler, da Funai, fazer uma inspeção na aldeia dos Cintas-Largas quando, na região do rio Aripuanã, nosso avião teve que desviar um pouco para o Leste e, então, passou sobre aquela aldeamento curioso — disse.

Combinaram jogar para os índios alguns dos presentes que se destinavam aos cintas-largas e foram atacados por saravadas de flechas. Calculou que na aldeia, de 18 choças, vivam uns 300 índios, que são de estatura mediana, cabelos longos e cor bronze. O aparelho em que viajavam chegou a passar a 100 metros de altitude do aldeamento, jogando presentes amarrados com fitas de panos, para não se perderem no mato.

Esclareceu o sertanista que não viu nada fora do comum na aldeia: sua disposição em círculo talvez se explique como defesa contra os ventos na região, uma das preocupações marcantes dos indígenas ao construírem suas aldeias. Disse que ele e o delegado da Funai sobrevoaram durante 15 minutos a aldeia, levantando sua posição geográfica e mais alguns dados para caracterizá-la.

RESERVA EM SIGILO

— Quando chegamos a Oulabá — continuou — eu e o delegado da Funai fizemos um acôdo de não divulgar nada sobre a descoberta, pois havíamos constatado que os índios eram saudáveis, e estavam bem protegidos e qualquer comentário sobre eles iria propiciar a invasão dos brancos a pretexto de dar proteção.

A única providência que tomaram foi oficialiar para a direção da Funai pedindo a criação de reserva indígena na área, considerando que aqueles índios devem pertencer ao mesmo grupo étnico dos Nhambikwara, que habitam a região. A reserva foi criada no mesmo ano pelo Decreto Presidencial nº 63 366.

A reserva, explicou, teria a finalidade não só de resguardar a integridade física desses índios, como ainda a de atrair para o mesmo território outros grupos dispersos da mesma formação étnica. "Agora, comentou, não sei dizer se a reserva está sendo respeitada."

POLICIAR, NÃO INVADIR

Quem redescobriu o aldeamento foi o sertanista alemão Fritz Tolkstorfe, que afirmou que tinha forma de estrêla e uma alta torre no centro, atraindo as atenções para a região do Aripuanã. Essa torre, segundo Sr. João Peret, seria uma espécie de cabana central que os índios da região costumam construir para servir de gaiola ao gavião real, que é raro e adorado por eles.

Após a notícia, anunciou-se que a Funai está organizando uma grande expedição para entrar em contato com essa aldeia, iniciativa que o Sr. Peret condena com veemência:

— Os índios estão auto-protegidos e não vejo a menor necessidade de os civilizados se aproximarem deles. O que a Funai devia fazer era policiar toda a área a longo prazo, justamente para evitar a invasão. Essa missão podia ser confiada ao Sr. Fritz Tolkstorfe, que tem 30 anos de experiência como sertanista — concluiu.

Peret condena expedição à aldeia indígena em forma de estrêla no Mato Grosso